
OS NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS*

Jürgen Habermas **

Nos últimos dez a vinte anos, desenvolveram-se conflitos nas sociedades avançadas do Ocidente que, em muitos aspectos, se afastam do padrão do estado de bem-estar social de conflito institucionalizado sobre a distribuição. Esses novos conflitos não surgem mais em áreas de reprodução material; eles não são mais canalizados

* Este artigo é retirado de “Tasks for a Critical Theory of Society”, o último capítulo do meu novo livro. Esse capítulo aborda a questão de como os problemas levantados pela teoria crítica na década de 1930 podem ser relevantes hoje, sob diferentes circunstâncias. Isso explica a natureza objetiva e descritiva das minhas observações. Elas não pretendem substituir uma análise política. Se eu quisesse fazê-lo, teria, claro, que escrever do ponto de vista de um participante ativo.

– Tradução a partir da versão inglesa por Alexandra Peixoto Viana.
– As notas informativas são da Revista Movimentos Sociais e aparecem como (RMS), as demais são de Habermas.

** Autor de diversos livros, entre os quais *O Discurso Filosófico da Modernidade; Ciência e Técnica como Ideologia; Conhecimento e Interesse*, entre outras.

através de partidos e organizações; e eles não podem mais ser aliviados por compensações que estão em conformidade com o sistema. Pelo contrário, os novos conflitos surgem em áreas de reprodução cultural, integração social e socialização. Eles se manifestam em forma de protestos subinstitucionais e extraparlamentares. Os déficits subjacentes refletem uma reificação das esferas de ação comunicativa; o poder da mídia e do dinheiro não é suficiente para contornar essa reificação. A questão não é sobre as compensações que o estado de bem-estar possa providenciar. Ao contrário, é sobre como defender e restabelecer estilos de vida ameaçados, ou como colocar estilos reformados de vida em prática. Em suma, os novos conflitos não são criados por problemas de distribuição, mas se referem à gramática das formas de vida.

Esse novo tipo de conflito é uma expressão da “revolução silenciosa” em valores e atitudes que R. Inglehart constatou em populações inteiras¹. Os estudos de Hildebrandt e Dalton (1977), Barnes e Kaase (1979)

constatarem a mudança temática de “velhas políticas”, que envolvem questões econômicas, sociais, domésticas e de segurança militar, para as “novas políticas”. As novas políticas abarcam problemas de qualidade de vida, igualdade, autorrealização individual, participação e direitos humanos. De acordo com as estatísticas sociais, as “velhas políticas” são apoiadas por empresários, operários e pela classe média profissional. Já as novas políticas encontram maior suporte na nova classe média, na geração mais jovem e nos grupos com alto nível de educação formal. Esse fenômeno corresponde à hipótese da colonização interna.

Se podemos presumir que o crescimento do complexo econômico-administrativo estimula processos erosivos no mundo da vida, podemos esperar que os velhos conflitos sejam sobrepostos pelos novos. Uma linha de conflitos surge entre, por um lado, o centro composto da classe diretamente envolvida no processo de produção e interessada na manutenção do desenvolvimento do capital como base para o compromisso do *welfare state* e, por outro lado, uma mistura colorida de grupos da periferia. Entre os

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[169]

últimos estão aqueles grupos que estão mais distantes do “núcleo produtivista” de desempenho (HIRSCH, 1980) nas sociedades de capitalismo tardio, que são mais sensíveis à complexidade das consequências autodestrutivas do crescimento, ou que estão mais seriamente afetadas por elas². A crítica do crescimento é o vínculo que unifica esses grupos heterogêneos. Nem os movimentos de liberação burguesa, nem os movimentos de operários organizados, fornecem um modelo para esse tipo de protesto. Paralelos históricos são mais frequentemente achados nos movimentos socialistas românticos do industrialismo inicial, liderados por artesãos, plebeus e operários; nos movimentos defensivos da classe média populista; nas tentativas de fuga motivadas pelas críticas da civilização burguesa empreendidas por reformadores, *Wandervogel*³, e assim por diante.

² O manuscrito de K. W. Brand (1980) me foi de grande ajuda.

³ *Wandervogel* (“pássaro errante”, em Português) foi um movimento juvenil alemão que pregava uma recusa do industrialismo e um retorno à natureza, realizando, inicialmente, longas caminhadas pelo campo. O movimento surgiu em 1896 sem programa definido, mas depois se dividiu em diversos grupos e doutrinas (RMS).

Torna-se bastante difícil, com a rápida mudança de cenário, agrupamentos e temas, classificar o potencial atual para protesto e retiro. Na medida em que esses núcleos organizacionais formam partidos ou associações, os membros são recrutados na mesma reserva difusa (HIRSCH, 1980; HUBER, 1980). As seguintes denominações são atualmente usadas para identificar as várias tendências na República Federal Alemã: o movimento antinuclear e ambiental; o movimento pela paz (abrangendo o conflito norte-sul); o movimento de ação dos cidadãos; o movimento alternativo (que compreende cenários urbanos com posseiros e projetos alternativos, bem como as comunidades no país); minorias (idosos, homossexuais, pessoas com deficiência, etc.); o cenário psicológico de grupos de ajuda e seitas juvenis; fundamentalismo religioso; o movimento do protesto tributário; associações de protestos de pais de alunos; resistência a “reformas modernistas”; e, finalmente, o movimento das mulheres. Além disso, os movimentos de independência lutando por autonomia regional, linguística,

cultural ou religiosa também são de significância internacional.

Eu gostaria de diferenciar o potencial emancipatório do potencial de resistência e retiro nesse espectro. Depois do período do Movimento dos direitos civis nos Estados Unidos, que há muito tempo resultou na autoafirmação particularista das subculturas negras, o único movimento que segue a tradição dos movimentos de liberação burguês-socialista é o movimento feminista. A luta contra a opressão patriarcal e pela realização de uma promessa que está profundamente enraizada nas reconhecidas bases universalistas de moralidade e legalidade, empresta ao feminismo o ímpeto de um movimento ofensivo, enquanto todos os outros movimentos possuem caráter mais defensivo. Os movimentos defensivos e de resistência procuram conter ou bloquear as esferas de ação formais e organizadas em favor de estruturas comunicativas; eles não buscam conquistar novo espaço. Com certeza, um elemento de particularismo liga o feminismo a esses movimentos: a emancipação das mulheres significa mais do que a mera realização formal de

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[172]

igualdade e eliminação de preconceitos masculinos. Significa a derrubada de estilos de vida concretos determinados pelos monopólios masculinos. O legado histórico da divisão sexual do trabalho, à qual as mulheres estavam sujeitas na família nuclear burguesa, também lhes dá acesso a virtudes e para uma série de valores que estão tanto em contraste quanto em complemento ao mundo masculino e em desacordo com a unilateral práxis racionalizada da vida cotidiana.

No interior dos movimentos de resistência é possível distinguir entre a defesa da tradição e da propriedade social, e uma outra que já opera nas bases do mundo da vida racionalizado e tenta novas formas de cooperação e comunidade. Esse critério nos permite separar o antigo protesto de classe média contra a ameaça que grandes projetos técnicos representam para os bairros, os protestos de pais contra escolas compreensivas⁴, o protesto

⁴ Trata-se, no caso alemão, da *Gesamtschule*, uma das quatro categorias de escolas que, na sociedade brasileira, seria o ensino médio (que aqui é unificado) e se caracteriza por não realizar o processo de avaliação e tem instituições semelhantes em outros países e possui um currículo mais amplo, tal como os casos da Inglaterra e País de Gales. Ela é

tributário (para o qual o Movimento Californiano pela Proposição 13⁵ oferece um modelo), e até mesmo a maioria dos movimentos de independência, em relação ao núcleo do novo conflito potencial: isto é, do *movimento juvenil e alternativo*, pelo qual a crítica do crescimento *baseada em preocupação ambiental e com a paz* fornece o foco comum. Eu gostaria de sustentar, ao menos superficialmente, o argumento de que esses conflitos podem ser entendidos como uma resistência às tendências de colonização do mundo da vida (RASCHKE, 1980).

Os objetivos, atitudes e comportamentos prevalentes nos grupos de protesto juvenil podem, de início, ser compreendidos como reações a *situações problemáticas* específicas percebidas com grande sensibilidade: *problemas “verdes”*. A ampla intervenção industrial no equilíbrio ecológicos, a escassez de recursos naturais não

traduzida geralmente como escola “compreensiva” ou “abrangente” (RMS).

⁵ Movimento em favor de um projeto de reforma tributária (denominado “Proposição 13”), que foi aprovado em 1978 na Califórnia (Estados Unidos), cujo objetivo era a redução das taxas de imposto sobre propriedades em residências, empresas e fazendas (RMS).

renováveis e o grave problema do desenvolvimento demográfico presente em sociedades industrialmente desenvolvidas. Ainda assim, esses desafios são em grande parte abstratos e requerem soluções técnicas e econômicas que devem, por sua vez, ser planejadas globalmente e implementadas por meios administrativos. O que provoca o protesto, entretanto, é a nítida destruição do ambiente urbano, a destruição do mundo rural pela industrialização, poluição e o inadequado planejamento residencial, danos à saúde devido a efeitos colaterais da civilização-destruição, práticas farmacêuticas, e assim por diante. Esses são desenvolvimentos que atacam visivelmente as *fundações orgânicas do mundo da vida* e os tornam drasticamente conscientes dos critérios de habitabilidade e dos limites inflexíveis à privação das necessidades de conteúdo sensual-estético.

Problemas de hipercomplexidade: Certamente, há boas razões para temer o potencial para destruição militar, usinas nucleares, resíduos atômicos, manipulação genética, arquivamento e utilização central de dados privados, etc. Esses medos reais, contudo, se misturam com o horror a

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[175]

uma nova categoria de riscos literalmente invisíveis que só podem ser apreendidos do ponto de vista do sistema. Esses riscos invadem o mundo da vida, mas, ao mesmo tempo, extrapolam suas dimensões. Os medos funcionam como catalisadores para um sentimento de sobrecarga por possíveis consequências de processos pelos quais a responsabilidade moral pode ser suposta, na medida em que nós as colocamos em questão, tanto tecnicamente quanto politicamente, mas pelas quais podemos, de fato, não ser responsáveis devido a sua magnitude incontrolável. Nesse caso, a resistência é direcionada a abstrações que são impostas ao mundo da vida. Elas devem ser abordadas no interior do mundo da vida, embora elas substituam a complexidade dos limites espaciais, sociais e temporais, focalizados sensorialmente, até em mundos da vida extremamente diferenciados.

Responsabilidade da infraestrutura comunal: Um componente óbvio do deslocamento psicológico e do fundamentalismo religioso renovado, e uma força motivacional por trás da maioria dos projetos alternativos e muitos grupos de ação dos cidadãos, é o sintoma do

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[176]

sofrimento de abstinência numa práxis culturalmente empobrecida e unilateralmente racionalizada da vida cotidiana. Assim, atribuir características como sexo, idade, cor da pele, ou até mesmo vizinhança e religião, contribui para o estabelecimento e delimitação de comunidades, criação de grupos de comunicação subculturalmente protegidos que promovem a busca por identidade pessoal e identidade coletiva. Um alto valor é colocado no particular, no provincial, pequenos espaços sociais, formas descentralizadas de interação e atividades não especializadas, simples interação e esferas públicas indiferenciadas. Isso tudo é destinado a promover a revitalização de possibilidades sepultadas de expressão e comunicação. A resistência às intervenções reformistas também cabe aqui. Essa intervenção se torna seu oposto, porque os meios de sua implementação vão contra os objetivos declarados e sociointegrativos.

Os novos conflitos surgem, assim, na conexão entre sistema e mundo da vida. Eu já demonstrei como a relação entre esfera privada e pública, por uma via, e o sistema econômico e administrativo, por outra, realiza-se

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[177]

por meio do poder da mídia e do dinheiro. Também delineei como essa troca vem institucionalizada nos papéis do empregado e do consumidor, do cliente e do cidadão. Precisamente, o alvo do protesto são esses papéis. Práxis alternativas são opostas à instrumentalização do trabalho profissional orientada para o lucro, a mobilização mercado-dependente do trabalho, a extensão da pressão da competição e performance na escola primária/elementar. Isso também é direcionado contra o processo pelo qual serviços, relações e tempo se tornam valores monetários, contra a redefinição consumista das esferas da vida privada e dos estilos de vida pessoais. Além disso, a relação dos clientes com as agências de serviço público destina-se a ser quebrada e reestruturada de acordo com o modelo participativo de organizações de apoio mútuo. Essa direção é particularmente característica para modelos de reforma na área de política social e de saúde (por exemplo, no caso do cuidado psiquiátrico). Finalmente, essas formas de protesto, que vão desde a explosão não direcionada de distúrbios juvenis (o caso de Zurich), passando pelas calculadas e surrealistas violações das regras (como Movimento dos

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018. [178]

direitos civis nos Estados Unidos e os protestos estudantis) e as provocações violentas e intimidação, negam as definições dos papéis dos cidadãos, bem como das rotinas de um objetivo orientado para a realização de interesses.

A dissolução parcial dos papéis sociais de empregados e consumidores, clientes e cidadãos, deveria, de acordo com as *concepções programáticas* de alguns teóricos, limpar o caminho para *contrainstituições* desenvolvidas a partir do interior do mundo da vida, a fim de limitar a dinâmica particular do sistema de ação econômica e política-administrativa. Por um lado, essas instituições deveriam se ramificar a partir do sistema econômico em um segundo setor informal cuja orientação não seria mais o lucro. Por outro, deveriam conter o sistema partidário com novas formas de uma expressiva “política da primeira pessoa”, a qual, ao mesmo tempo, deve ter uma base democrática⁶. De acordo com essa concepção, essas instituições tornariam inativo o processo de abstração e

⁶ Na economia dual, cf. Gorz (1980); no impacto dos partidos de massas democráticos no contexto do mundo da vida dos eleitores, veja: Offe, 1980.

neutralização em virtude de qual trabalho e opinião política estivessem ligados a interações de mídia dirigida em sociedades modernas. A firma capitalista e o partido de massas (como uma “organização ideologicamente neutra para obter poder”) organizam seus espaços sociais de influência através de mercados de trabalho e esferas públicas construídas. Eles tratam seus empregados e eleitores como uma força de trabalho abstrata ou como sujeitos de decisão, e diferenciam e distanciam essas esferas nas quais o indivíduo particular e identidades coletivas poderiam ser formadas como o *ambiente* do sistema. As contrainstituições, por outro lado, devem reintegrar um setor formalmente organizado das áreas de ação e salvá-lo da influência da intervenção midiática, restaurando essas “áreas liberadas” para o mecanismo de compreensão de ações coordenadas.

Independentemente de quão irrealistas essas noções possam ser, elas continuam importantes pelo significado polêmico dos novos movimentos de resistência e retiro, que reagem à colonização do mundo da vida. Esse significado é encoberto pela autoimagem dos participantes,

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[180]

da mesma forma que é pela representação ideológica do inimigo, quando a racionalidade da manutenção do *status quo* é identificada com a dos sistemas de ação econômicos e administrativos, ou seja, quando a racionalização do mundo da vida não é cuidadosamente distinguida da crescente complexidade do sistema social. Essa confusão explica as frentes mutualmente disruptivas que obscurecem oposições políticas que se estabelecem entre o antimodernismo dos jovens conservadores e a defesa neoconservadora de um pós-modernismo que rouba o conteúdo razoável e as possibilidades para o futuro de um modernismo alienado de si mesmo.

Referências

BARNES, S. H.; KAASE, M. et al. *Political Action*. Beverly Hills/London, 1979.

BRAND, K. W. *Zur Diskussion um Estehung, Funktion und Perspektive der Oekologie – und Alternativbewegung*. Munich: 1980.

GORZ, André. *Abschied vom Proletariat*. Frankfurt: 1980.

HILDEBRANDT, K.; DALTON, R. J. “Die neue Politik”. PVS, 18, 1977.

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[181]

HIRSCH, J. "Alternativbewegung – eine politische Alternative". In: ROTH, R. (Org.). *Parlamentarisches Ritual und politische Alternativen*. Frankfurt: 1980.

HUBER, J. *Wer soll das alles ändern?* Berlin: 1980.

INGLEHART, R, "Wertwandel und politisches Verhalten". In: MATTHES, J. (org.). *Sozialer Wandel in Westeuropa*. New York: 1979.

OFFE, Claus. "Konkurrenzpartei und kollektive politische Identität". In: *Parlamentarisches Ritual*, 1980.

RASCHKE, J. "Politik und Wertwandel in den westlichen Demokratien", suplemento ao jornal semanal Das Parlament, September, 1980.